

NO TEMPO DA GRAMÁTICA...

Heloísa Marques Tupiná (UFMT)

ABSTRACT: Based on a discourse methodological perspective, this study analyzes the narrative "No tempo em que só a namorada podia falar errado" ("In the times that only the girlfriend could make grammatical mistakes") by Augusto Nunes. This author correlates the situational conditions of text production and the formal modes of discourse to question the author's viewpoint that attempts to disqualify Luiz Inácio Lula da Silva for the position of president of Brazil.

Jornal O ESTADO DE S. PAULO - Estadão - domingo, 26 de março de 1989. Uma crônica de Augusto Nunes: *No tempo em que só a namorada podia falar errado*.

Vamos às ilustrações: num banco, um casal. A moça, sentada, olhos arregalados, corpo inclinado, pernas cruzadas, mãos estendidas, vestido cobrindo os joelhos e o colo, lábios cerrados. O rapaz, ajoelhado, olhos fechados, beijando-lhe a face. No balão, a fala repreensiva: "MAIS AMOR E MENAS CONFIANSSA!" Advérbio flexionado - MENAS - grafia invertida do R, ss por ç. No outro quadro - negro -, *n* antes de *p* e *b* - PONBA, CANPO, Bonbom. Letra de forma, letra cursiva. A namorada fala - e escreve? - errado. O título já anuncia essa possibilidade: *No tempo em que só a namorada podia falar errado*. Só. Ninguém mais. Exceção, exclusão. A perífrase modal - podia falar . Concessão, discriminação. Até aqui, da mulher. Na visão perversa do machismo da direita. Errado em oposição a certo. O óbvio mostra ou esconde? A crônica é um flagrante da fala errada da namorada?

Vamos ao texto.

01 Uma criança dizia “nóis vai” e era de imediato
02 repreendida - às vezes com rispidez, quase
03 sempre com doçura - pela professora do grupo
04 escolar. Em seguida, o pequeno violador dos códigos
05 do idioma se via compelido a escrever dez, vinte vezes
06 a expressão correta: “nós vamos”. Assim se ensinava
07 no Grupo Escolar “Domingues da Silva”, na
08 minúscula Taquaritinga dos anos 50. E assim
09 aprendiam, democraticamente nivelados, os filhos da
10 elite local e os meninos da roça.
11 Os meninos da roça eram a versão rural dos
12 miseráveis das modernas metrópoles. Caminhavam
13 a pé muitos quilômetros, desnutridos e famintos. A
14 sopa servida no recreio era insuficiente para permitir
15 que aqueles cérebros infantis se concentrassem na
16 idéia de que o M vem antes do B - eles preferiam
17 sonhar com o pão vindo junto com o ovo. Ainda
18 assim, apesar de castigados pelo assassinato diário
19 dos neurônios, os meninos da roça aprendiam lições
20 sempre úteis. Aprendiam, por exemplo, que é
21 incorreto dizer “nóis vai”. Aprendiam, sobretudo,
22 que saber português é um passo importante na
23 caminhada que leva para longe da miséria absoluta.
24 Sou, portanto, de um tempo em que agressões
25 muito pesadas ao idioma eram revidadas com
26 correções destinadas a evitar reincidências. (Só
27 mereciam tolerância ilimitada as namoradas que
28 sussurravam aos nossos ouvidos formidáveis
29 barbarismos. “Mais amor e menos confiança”, rezava
30 o mais freqüente entre todos. A última flor de Lácio
31 que fenecesse: confiança era o outro nome do
32 pecado, e alcançá-la exigia muita paciência, com a
33 amada e com o seu
34 discurso. Mas esta é outra
35 história.)
36 Sou de um tempo em
37 que brigar para que os
38 brasileiros falassem e
39 escrevessem

40 *corretamente era apenas*
41 *uma briga boa,*
42 *desprovida de nuances*
43 *ideológicas. Agora,*
44 *recomenda-se mais*
45 *cuidado aos que seguem*
46 *comovidos com o*
47 *espancamento*
48 *permanente da língua.*
49 *Segundo o professor*
50 *Paulo Freire, a ordem é respeitar o direito à*
51 *ignorância, fundamentado na certeza de que as*
52 *vítimas de injustiças sociais costumam expressar-se*
53 *num particularíssimo dialeto. Desconfio de que essa*
54 *teoria, derivada da sacralização da pobreza, é*
55 *insuportavelmente elitista, por justificar o*
56 *confinamento de milhões de brasileiros no beco dos*
57 *iletrados. Mas quem somos nós para discutir o que é e*
58 *o que não é elitista com o professor Paulo Freire?*
59 *Na visão perversa do paternalismo da esquerda,*
60 *brasileiros de origem humilde podem (ou devem)*
61 *falar errado - mesmo quando levados pelo destino*
62 *às cercanias do poder. Lula, por exemplo. Ouvir*
63 *algum discurso do deputado Luiz Inácio Lula da Silva*
64 *sugere que, para ele, a preposição de está para o*
65 *verbo assim como o piquete para a greve: um não vive*
66 *sem o outro. “Eu acho de que...”, “eu acredito de*
67 *que...”, vive dizendo o candidato à Presidência*
68 *da República, sem que algum companheiro mais*
69 *familiarizado com o bê-a-bá da gramática se atreva a*
70 *corrigi-lo. E, sempre que Lula diz **menas**, sua platéia*
71 *reage com a mesma indulgência amorosa que*
72 *reservávamos às antigas namoradas.*
73 *Talvez não seja má idéia incorporar à assessoria*
74 *do candidato à Presidência uma velha professora*
75 *interiorana. A cada escorregão gramatical, ela o*
76 *obrigaria a escrever dez, vinte vezes a frase certa.*
77 *Afinal, administrar o idioma com mais competência*
78 *é um pré-requisito sempre valioso para quem*
79 *pretende - nada mais, nada menos - administrar*
80 *o Brasil.*

Voltemos ao título: o que sinaliza é abordado da 1.26 à 1.35, entre parênteses. Mas esta é outra história. Claro. A frase-título é circunstancial. A história é outra, de outro tempo: domingo, 26 de março de 1989. Campanha eleitoral para a Presidência da República. Fernando Collor de Mello começava a despontar nacionalmente. Não demoraria muito tempo para colocar-se como o candidato da elite. O bem-nascido, culto, venceria o 2º turno disputado com Luiz Inácio Lula da Silva, torneiro-mecânico, nordestino, ex-líder sindical. Collor não é mencionado no texto. Lula aparece como exemplo à 1.61, no penúltimo parágrafo. O que temos até aí? Retomemos o texto: *Uma criança dizia "nóis vai" /.../. Anos 50. Interior de São Paulo. Caracterização do ensino de Língua Portuguesa três décadas antes. Da 1.1 à 1.43, Augusto Nunes escreve sobre esse tempo. Tomemos então essa primeira parte, cujo final é marcado pelo Agora da 1.43. Até esse ponto predominam as formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo - dizia, era, via, ensinava, aprendiam, eram, caminhavam, era, preferiam, aprendiam, aprendiam, aprendiam, eram, mereciam, sussurravam, rezava, era, exigia, era - materializando lingüisticamente a postura reacionária do autor (1 vez o verbo ensinar, 4 vezes aprender e 6 vezes ser). Em contraposição, 6 ocorrências de presente do indicativo - é, é, leva, sou, é, sou - para assinalar o que, na visão do autor, prevalece nos dois momentos confrontados (5 vezes o verbo ser, 1 vez levar).*

Dentro do campo semântico de ESCOLA, estabelece-se a oposição entre ENSINAR e APRENDER, CORRETO e INCORRETO. De um lado, a prontidão da professora - de imediato (1.1); de outro, a opressão da criança - repreendida (1.2), pequeno violador dos códigos do idioma (1.4/5) se via compelido a escrever dez, vinte vezes a expressão correta (1.5/6), agressões /.../ eram revidadas (1.24/25). Na parte seguinte, os correlatos: espancamento /.../ da língua (1.47/48), confinamento (1.56), iletrados (1.57).

E assim aprendiam, democraticamente nivelados, os filhos da elite local e os meninos da roça (1.8/10). Augusto Nunes refere-se ao interior do Estado de São Paulo, onde tal nivelamento não existia: os meninos da roça freqüentavam as escolas rurais. E não eram a versão rural dos miseráveis das modernas metrópoles (1.11/12), nem desnutridos e

famintos(1.13). As professoras é que se deslocavam com dificuldade para a zona rural. Mas voltavam com ovos, galinha, leite, queijo, milho verde... Entre os miseráveis das modernas metrópoles estão os filhos do êxodo rural produzido pela competência que trouxe a miséria absoluta para o campo e para a cidade. O passo importante na caminhada que leva para longe da miséria absoluta nunca foi saber português e sim dispor de recursos para a produção. Mas esta é outra história. A Augusto Nunes interessa condicionar a competência para administrar o Brasil (1.80) à competência para administrar o idioma (1.77). Para tanto, leva-nos à década de 50, quando os filhos da elite, que tinham acesso à escola, não diziam nós vai, como Lula também não diz.

Depois de descaracterizar o ensino de seu tempo, o autor coloca em cena as namoradas de que fala no título. Repete o só (1.27). Com a amada e seu discurso, tolerância ilimitada, muita paciência. Mais amor e menos confiança: o mais frequente entre os formidáveis barbarismos. À fala da ilustração, sem a inversão do R e confiança com ç.

No quarto parágrafo, a repetição de sou de um tempo, para entrar na briga. Depois de fazer dos meninos da roça os miseráveis das modernas metrópoles, aqui tenta retirar qualquer nuance ideológica da briga para que os brasileiros falassem e escrevessem corretamente. Como se o ideológico já não estivesse nas oposições CERTO/ERRADO, CORRETO/INCORRETO, filhos da elite local / meninos da roça - os da elite local são filhos; os da roça são meninos; no nivelamento pretensamente democrático. A briga boa é a da repreensão, da repressão - o pequeno violador dos códigos do idioma /.../ compelido a escrever dez, vinte vezes a expressão correta; a criança de imediato repreendida - às vezes com rispidez, quase sempre com doçura; caminhada que leva para longe da miséria absoluta; agressões muito pesadas ao idioma /.../ revidadas com correções destinadas a evitar reincidências. Boa briga... Sem nuances ideológicas. Nada de ideológico nas escolhas lexicais que vão construindo a gramática da exclusão.

E chegamos ao Agora. Antes se ensinava, agora recomenda-se. Estruturas indeterminadas. Apagamento do sujeito. Briga desprovida de nuances ideológicas? Agora já é o espancamento permanente da língua. E Paulo Freire é posto

em cena para ordenar que se respeite o direito à ignorância. Augusto Nunes parece sair em defesa das vítimas de injustiças sociais que, para Paulo Freire, costumam expressar-se num particularíssimo dialeto. Não é preciso ter lido Paulo Freire para desconfiar da argumentação do cronista, já fragilizada pelas considerações até aqui expostas. E elitista é Paulo Freire...

Sou, portanto, de um tempo. Sou de um tempo. Desconfio. Mas quem somos nós... Na ironia, Augusto Nunes já envolve o(s) interlocutor(es) na 1ª pessoa do plural. Recurso para camuflar a subjetividade até então assumida. O que segue já não é o discurso de um EU explicitado: ouvir (1.62), incorporar (1.73), administrar (1.77).

O autor coloca a oposição DIREITA/ESQUERDA: a visão perversa do paternalismo da esquerda (1.59), na qual, segundo ele, brasileiros de origem humilde podem (ou devem) falar errado (1.60/61). Da perífrase modal de possibilidade - podem falar - para a perífrase modal da necessidade - devem falar. O direito à ignorância já virou dever.

/.../ mesmo quando levados pelo destino às cercanias do poder. Alguém de origem humilde, vítima de injustiças sociais pode chegar ao poder? Levado pelo destino. Lula, por exemplo. Frase nominal, apenas um exemplo, que lhe ocorreu agora. Poderia ser outro, mas por acaso, é Lula.

Ouvir...sugere... Estrutura de sujeito indeterminado para produzir o sentido de generalização: quem quer que ouça...

/.../ a preposição de está para o verbo assim como o piquete para a greve: um não vive sem o outro (1.64/65). Regra de três: "regra que permite, dado um conjunto de valores de várias grandezas direta ou inversamente proporcionais a uma delas, determinar o valor desta última, correspondente a um determinado grupo de valores restantes."¹ ou regra-três? Augusto Nunes correlaciona regência - uma relação de subordinação - à greve que, na sua visão, não existe sem piquete. Os trabalhadores são manipulados por pequenos grupos que insuflam a paralisação.

Vive (1.65), vive dizendo (1.67): o aspecto - duração do processo - está marcado lexical (vive), flexional

¹ . Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

(dizendo) e sintaticamente (vive dizendo). A reiteração não é gratuita.

Sem que algum companheiro mais familiarizado com o bê-a-bá da gramática se atreva a corrigi-lo (1.68/70). No PT, o máximo que pode haver é algum companheiro mais familiarizado com o bê-a-bá. E, ainda assim, nenhum companheiro se atreve a corrigi-lo. Por quê? Lula é intocável, intransigente, prepotente? /.../ sempre que Lula diz menas /.../. Não quando, mas sempre. Assinalando a frequência, a reiteração já apontada em vive e vive dizendo. Sua platéia, sugerindo circo. Voltam as namoradas, a 1ª pessoa do plural, o pretérito imperfeito do indicativo, a indulgência amorosa.

E o *gran finale*: Talvez não seja má idéia incorporar à assessoria do candidato à Presidência uma velha professora interiorana (1.73/75). Algo contra as jovens professoras da capital? Lula não diz nós vai. Dizia eu acho de que, eu acredito de. Além de não serem fatos do mesmo nível, o grau de estigmatização de uma ocorrência como *nóis vai* é mais acentuado.

Mas Lula é posto como o violador dos códigos do idioma, que deveria ser obrigado, compelido a escrever dez, vinte vezes a expressão correta ou a frase certa.

Tudo converge para:

Afinal, administrar o idioma com mais competência é um pré-requisito sempre valioso para quem pretende - nada mais, nada menos - administrar o Brasil.

O parágrafo, iniciado com um cauteloso talvez, evolui para o contundente afinal. Xeque-mate. Com a mesma paciência exigida para alcançar o pecado, o jogo vai sendo conduzido para subordinar a competência para administrar o Brasil à competência para administrar o idioma: na visão perversa da direita, uma não existe sem a outra. Portanto, quem foi excluído da escola está excluído do poder. Paramos no tempo da gramática. A gramática da exclusão... Esta sim aprendem, democraticamente nivelados, os filhos da elite e os miseráveis. Isto sim é insuportavelmente elitista.